

*Tudo se ilumina  
para aquele que  
busca a luz.*

BEN-ROSH



*... alumia-vos e  
aponta-vos o ca-  
minho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)

Órgão da Comunidade Israelita do Porto

DIRECTOR E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)  
Avenida da Boavista 854 — PORTO

—(Toda a correspondencia deve ser dirigida ao director)—

COMPOSTO E IMPRESSO NA Empresa DIARIO DO PORTO, L.da  
Rua de S. Bento da Victoria, 10

PORTO

# Nobre Exemplo

Tivemos ha poucas semanas noticia do falecimento em Caría (Beira-Baixa) do Snr. Moisés de Sousa Gato, mercador bem conhecido e geralmente estimado.

Era um cripto-judeu crente e muito dedicado á fé dos seus antepassados, os martires do fanatismo da Inquisição; como os seus conterraneos ocultava-se para praticar secretamente os ritos judaicos, mas teve conhecimento de que havia chegado a hora do resgate dos cripto-judeus portugueses e o seu coração comoveu-se. Lia com delicia os livros religiosos editados pela Comunidade do Porto, este jornal e a Biblia, a fim de melhor pôr em prática a fé ancestral. Quando iam a férias os Talmidim (Seminaristas) do Instituto Teologico Israelita do Porto gostava de discorrer com eles sobre a doutrina mosaica e suas práticas, mostrando uma fé juvenil apesar da sua já avançada idade.

Em Dezembro passado o Snr. Moisés de Sousa Gato sentindo-se morrer quiz rodear-se nos seus ultimos mo-

mentos dos seus irmãos de fé para exhalar o seu ultimo suspiro no meio do salmodear da liturgia judaica.

O padre católico da freguesia talvez chamado por alguma *espertavelha* veio visita-lo no derradeiro momento. O moribundo viu-o e exclamou:—Se vindes por amigo podeis ficar, mas se vindes na qualidade de padre catolico retirai-vos.

Pouco tempo depois, sorrindo para todos, Moisés de Sousa Gato entregava docemente a sua alma ao Deus Altissimo e Unico que a creara.

No seu funeral tomaram parte numerosas pessoas da sua terra natal, tendo vindo de Belmonte e Covilhã muitos judeus maranos a associar-se a esta ultima homenagem. No cemiterio o Snr. José Pereira de Sousa, judeu-marano de Belmonte, recitou a Hascabah, em honra do illustre extinto.

Que o seu corpo repouze em paz e gloria e a sua alma cristalina e pura seja reunida ao feixe da vida eterna. Amen.

# Israel Vingado

## CAPITULO I

### Onde se mostra a diferença que ha entre os livros da Lei e os Escritos profeticos.

Varios israelitas julgam que para estar mais firmes na Religião devem compreender as passagens das Profecias de que os cristãos se servem para provar a verdade da sua doutrina e para destruir a dos judeus.

Façamos-lhe ver antes de explicar o 53.º Capitulo de Isaías que é a base fundamental do cristianismo; façamos-lhes ver, digo eu, que o conhecimento do verdadeiro Deus, a verdade da lei divina e a eternidade da sua duração não dependem em nenhuma maneira das revelações Profeticas, e que quando não tivesse havido nunca disso, o Pentateuco teria suficientemente instruido o povo de Israel da Divindade do seu Creador, tanto quanto o espirito humano o pode compreender; este livro o teria suficientemente instruido pela bondade que Deus tinha tido de o revelar ao seu servidor Moisés, para que o ensinasse ao seu povo escolhido. Este ministro da palavra de Deus desempenhou-se com uma perfeita exatidão desta gloriosa comissão e todo o povo nada ignorou do que precisava saber para conhecer a unidade de Deus, para adorar este ser infinito, independente, eterno, infalível, onnipotente e creador de tudo o que ha de visível e de invisível. Esta Lei tão santa é também perfeita como a origem de onde saiu; esta vontade de Deus tão claramente enunciada no Pentateuco, os mandamentos tão absolutos como irrevogáveis pronunciados com tanta energia e bondade sobre a montanha do Sinai e reiterados sem a menor alteração sobre a de Horeb, são as regras que Israel deve seguir perpetuamente entre todas as nações do universo para merecer os efeitos das promessas deste divino legislador.

Tudo o que os profetas nos revelaram depois, não é senão para nos confirmar na observação destas santas leis, para advertir os que poderiam afastar-se dela, da punição dum tão grande crime, e por outros fins igualmente convenientes para a gloria de Deus.

Ninguém ousaria presumir que os profetas nada tinham dito para dar ao povo de Israel um conhecimento do verdadeiro Deus: nada se encontra nos seus escritos que nos faça ver que eles duvidavam da eternidade da sua lei, nem que eles acreditassem que ela fosse sujeita a alguma mudança, a algum aumento ou diminuição.

A' onnipotencia do senhor produziu, no momento que actou e sem experimentar, obras absolutamente perfectas. Ai daquele que não tem sobre isto esta opinião; com efeito não se poderia acreditar, sem crime que Deus tenha deixado no mundo durante tantos seculos uma lei que Ele queria mudar ou corrigir em seguida. O que é que Ele ordenou dando-a a nossos pais? Segui-la para sempre com a mesma pureza que o seu servidor Moisés lhes prescrevia: Ele proibiu aos seus filhos que acreditassem em deuses que os seus

pais não tinham conhecido. Só esta qualidade é suficiente para afastar todo o verdadeiro fiel do seu culto; o povo escolhido não saberia se *desdenhar* no conhecimento do verdadeiro Deus.

Basta que ele adore aquele que os seus pais conheceram, é a unica ordem que ele devia seguir. Porque querer persuadir os filhos de Israel que é por um misterio incompreensível que três deuses não são mais por um, que a divindade, que os cristãos adoram é uma num sentido e múltiplo noutro; que, ainda que seja uma só e mesma essencia, três pessoas etc. Além de que a razão repugna a esta unidade e a esta pluralidade de substancia numa só pessoa, os filhos de Israel estão invencivelmente ligados a este irrevogavel mandamento de Deus que lhe proíbe conhecerem outros além daquele que seus pais conheceram. E' bom dizer-lhes que a sua potencia infinita revelou esta doutrina e esta pluralidade sob nuvens obscuras, eles não devem conhecer a divindade do seu creador senão pela claridade luminosa da montanha do Sinai ou Ele os quiz instruir na sua lei e na maneira como a devem seguir.

E' em vão que os cristãos pretendem encontrar nas profecias obscuridades que eles esclarecem a seu modo para destruir a unidade de Deus e a observancia da sua lei; uma e outra não dependem de forma alguma do que os profetas predisseram: os filhos de Israel tinham a felicidade de conhecer o verdadeiro Deus varios seculos antes de ter profetas. Ele tinha ordenado por um efeito da sua bondade infinita ao seu povo o culto que ele devia prestar á sua onnipotencia, e este culto era muito independente de tudo o que os profetas podiam anunciar-lhe. Eles sabiam que se alguns lhes pregassem uma doutrina que não fosse inteiramente conforme a que os seus pais tinham aprendido, eram falsos profetas. Eles os teriam castigado segundo os rigores da lei; mas não ha nada nos seus escritos que não confirme esta obediencia, esta veneração e esta inalteravel observação do que Moisés lhes tinha prescrito por ordem do Senhor.

Intenções perversas sustentadas por artificios horrendos podem só determinar a fazer suposições contrárias a uma verdade tão evidente, e é declarar-se abertamente o factor dos erros mais grosseiros, agarrando-se assim a uma palavra vaga, a uma sílaba para provar uma opinião que repugna ao bom senso e á razão, como são estes disputadores de profissão que pretendem anular um acto autentico, tomando dum periodo. Uma palavra que convem ao seu designio, mas que não tem relação, nem ligação com o que precede ou segue este periodo. E' verdade que depois de terem dado muitos movimentos inúteis, nem por isso perdem menos a sua causa e estão inteiramente convencidos da pouca solidez da sua pretensão, excepto talvez aos olhos de alguns ignorantes que se deixam demasiado facilmente deslumbrar por falsos raciocínios para que o seu juizo favoravel no contrario possa ser contado para alguma coisa.

Deus inspirou, em diversos tempos, a homens piedosos um espirito profetico, não para alterar alguma coisa na lei que deu sobre a montanha do Sinai, mas para exhortar os filhos de Israel a segui-la exactamente, para os impedir de se deixar seduzir por discursos enganadores, por promessas aparentes e para tornar firmes os que poderiam titubiar. Todos os profecias contem só exhortações para bem fazer e são plenas só de conselhos para abandonar o vicio e a libertinagem; elas anunciam dum lado todos os

bens e todas as grandezas que nós devemos infalivelmente esperar da graça do Senhor se nós seguimos as suas ordens divinas, e do outro todos os castigos, todas as mortificações, todas as humilhações e todas as desgraças que a sua colera nos prepara se o abandonamos para correr para deuses imaginários, nos assegurando que a sua bondade divina não perdona nunca aos que são idolatras.

A historia sagrada está cheia de horriveis castigos que os filhos de Israel sofreram desde que eles abandonaram o seu verdadeiro Deus; este titulo de ciumento que Ele se dá tantas vezes no texto sagrado não basta para convencer os mais incredulos que Ele não poderia permitir que se partilhe a sua adoração sem se tornar para sempre indigno da sua graça. Como poderia Ele ter inspirado aos profetas que pregassem uma pluralidade de ser, tão contrária á unidade que Moisés nos repete tantas vezes? Um Deus imortal, infinito, poderia encerrar-se numa enfermiga criatura, e ter ordenado aos seus profetas que o anunciassem. Estes santos homens nunca tiveram pensamentos tão criminosos e tão contraditoriamente opostos á veneração, que eles tiveram sempre por Aquelle que os tinha escolhido para instruir os filhos de Israel e para os tornar firmes na exacta observancia das leis que Moisés lhes tinha prescrito e que ele tinha recebido da boca do Senhor; em vez de terem sido reverenciados como profetas, este povo, apesar de mergulhado no vicio, os teria infalivelmente lapidado, não tendo suportado nunca nenhum que quizesse introduzir novos dogmas ou uma nova doutrina para o persuadir que a lei pronunciada pelo proprio Deus sobre a montanha do Sinai não era eterna. E' bem mais natural seguir este sentimento que o que os cristãos se esforçam por introduzir interpretando as profecias duma maneira obscura e que violenta de tal forma o texto que não podem convencer por nenhuma razão solidas aqueles que querem persuadir.

Não ha exemplo de que os seus argumentos tenham feito a menor impressão sobre um verdadeiro israelita, nem que o tenham podido afastar da observancia da Lei que os seus pais lhe tinham ensinado.

(Continua)

*Dr. Orobio de Castro*

Judeu bragançano do seculo XVII



## De bailarina a rainha

Numa pequena aldeia polaca de Fodkamien, vive um alfaiate judeu, de nome Braner, que acaba de receber uma carta duma sua filha chamada Raquel, de quem ha muito não tinha noticias, com um cheque de 5.000 libras esterlinas. Nessa carta sua filha o informa que sendo dansarina num teatro de variedades, fez conhecimento com o Ras Tafari, Imperador da Abissinia; este a levou para a capital do seu país por se haver enamorado dela e ali se tornou uma das suas legitimas esposas Raquel Braner é dotada de fascinante beleza.

## Madame Lily Jean Javal

Esta gentil escriptora judia, que nos visitou no ano passado, indo tambem a Traz os-Montes afim de observar a vida judeo-marana, acaba de visitar a Palestina, terra dos nossos antepassados.

Entrevistada por um jornalista do Cairo, ela manifestou-lhe as suas impressões da terra de Israel. Dessa entrevista extratamos o seguinte:

—Tendo sido educada numa atmosfera stritamente judaica, a morte de meu pai que



Madame Lily Jean Javal

se deu ha 6 anos, despertou em mim a necessidade de realizar um antigo sonho, procurando adquirir um pouco daquilo que Darmesteter tão bem definiu «A suprema consciencia humana projectada no seu». Primeiro fiz alguns romances judaicos, depois fui viver, ha dois anos, entre os Maranos de Portugal: um meio cercado de confissões e muito judeu, sem ter disso o pensamento. O meu proximo livro «Sous le charme du Portugal» tratará longamente destas colonias muito curiosas para estudar.

—E em seguida, como dever, foi a peregrinação a Jerusalem?

— Oh! Sim! E que soberba viagem, tão cheia de ensinamentos e de surpreendentes descobertas sobre um idealismo judaico, que se julgava uma vã quimera.

— A sua primeira impressão?

— Por uma noite sem lua, a visão do deserto que os nossos antepassados levaram 40 anos a sair de lá e que eu atravesssei em cinco horas. Neste infinito de areia que as estrelas douravam, um velho rabino cantava salmos.

— ...

— Tinha estado directamente em Jerusalem e tive uma angustia de me sentir numa cidade de atmosfera tão pouco judaica. Gostaria encontrar um pouco da alma judaica atravez todas as civilizações que ali se cruzam. Até o Muro das Lamentações com as suas 3 separações não é mais que cenário para cromo, que irradia uma horrivel melancolia.

— ...

— D'ali, parti para Tel Aviv, que visitei em companhia do maire Dizengoff, um soberbo velho que administra uma cidade especificamente judia, tendo uma população de 50.000 almas. Ele mesmo a percorre diariamente a cavallo. Tel Aviv contem sobretudo obras sociais admiraveis.

— E as Colonias?

— Perto de Tel Aviv, Mikvé que possui uma escola de agricultura e um jardim botânico extendendo-se até aos confins do deserto, qualquer coisa d'unico no mundo. Vi ali tambem um Museu extraordinario, contendo um córte de todas as terras da Palestina.

— Outras de que guarda recordações particulares?

— Ain Harod, submetida ao regimen da colectividade absoluta. Ali se encontram creanças duma extrema beleza, porque na Palestina tudo é consagrado ao bem estar da creança, da geração de amanhã. Kfar Yeladim, centro de experiencias, permitindo o desenvolvimento da iniciativa na creança. Estes fizeram construir uma pequena sinagoga, onde eles mesmos officiam, porque não tem rabino. Vi igualmente Pardess Hanna que possui esplendidos laranjais, Benjamina, Richon le Zion, Kiriat Anawim, muitas outras manifestações duma vitalidade bem reconfortante a constatar.

— E neste quadro biblico, encontrou um povo novo.

— Sim, uma raça sã e viril, extraordinariamente marcante nas creanças. Ver a felicidade destas mulheres que trabalham e penam exactamente como homens é coisa notavel. Vi em Talpioth orfãos, magnificos de saude, e a Directora da instituição, é uma mulher duma dedicação sem limites.

— A Universidade hebraica?

— Conhecendo-a senti uma forte impressão, porque ela contém a quintessencia do saber humano e do progresso universal e ela é a origem do que será feito amanhã. De resto, na Palestina, todo o trabalho está organizado scientificamente, veem-se ali escolas, creches, herdades de aplicação modelares. É um imenso campo de experiencias, onde as mais recentes descobertas mundiais são utilizadas e postas em valor no seu nascimento.

— O Teatro?

— Frequentei os membros da Habimah e da Ohel-Cin um grupo tambem possuindo uma flama de ideal extraordinariamente forte e a quem anima e inspira o amor e a atmosfera da Biblia.

Mas em Eretz Israel (Terra de Israel) não é tudo, infelizmente, teatro e progresso. Ha angustiantes problemas politicos, cuja solução parece impossivel de encontrar, assim como a questão das relações entre judeus e arabes.

— Eu notei pessoalmente a rial fraternidade que existe nas herdades entre judeus e Arabes e no fundo estes ultimos estão mais perto dos judeus que de quaisquer outros. Encontrei dirigentes do executivo arabe que não admitem a possibilidade dum Lar Nacional Judaico. Eles nunca o aceitarão. Em apoio das suas convicções politicas, eles expozeram-me uma serie de argumentos sobre o pretendida desapossar das suas terras pelos judeus, quando de facto ha na Palestina imensos lotes de terreno ainda não empregados.

— Conheceu os nossos *leaders*?

— Sim uma esplendida elite. Weismann, um grande trabalhador que parece não se contentar com os resultados obtidos. Usslichkin, uma vontade de ferro. Tudo o que entrava o *elan* sionista se quebrará de encontro á sua indomavel tenacidade. A sua formula resume-o completamente; «com dinheiro, terra, homens e ideal, venceremos».

— E quanto a si, esta bela viagem converteu-vos ao Sionismo?

—Eu sou sobretudo pro-palestiniana. é me difícil na minha qualidade de judia Francesa conciliar as duas teses. Proponho-me no meu regresso ao meu país, fazer tudo o que poder, para fazer conhecer a obra magnífica cuja realização busca para mim ma das mais altas alegrias da minha vida. —E o futuro?

—Pela sua riqueza espiritual, o judeu é em si proprio um ser completo. Quanto á ideia sionista, ela é demasiado nobre para poder cair. Nunca, me parece, as palavras do Eclesiastes «A verdade esta entre a loucura e a sabedoria» foram mais dignas de serem meditadas.

No olhar profundo de M.me Jean-Javal recordações desfilam. Alem das imagens evocadas o idealismo, o desinteresse, a fé que ela surpreendeu nos pioneiros duma religião de trabalho e de fraternidade, deixam na sua fremente sensibilidade, impressões poderosas anunciadoras duma actividade judaica duplicada; tão lisougeira para a obra sionista como para a que ela acaba de conquistar.

• • •

## VIDA COMUNAL

### PORTO

**Visitantes**—Visitaram a nossa sinagoga os Ex.mos Snrs: S. Eschborn, Grenadierstr, Berlin N 54; Max Einstein, Berlin; Leopold Wertheimer, gausstrasse 16, Frankfurt a mein; Otto Diesenberg, Braunfils, Colonia (Alemanha); Dr. Moses Bensabat Amzalak, Digno Presidente da Comunidade de Lisboa.

**Rabbi**—Vindo do Pará, (Brazil) encontra-se entre nós o Rabbi Jacob Shababo, natural de Safed (Palestina), exercendo o professorado de lingua hebraica e liturgia no Instituto Teologico Israelita (Yeshibah Rosh Pinah), onde a sua actividade e competencia se tem feito sentir.

**Festa de Shabnoth**—Realisou-se solememente esta festa na nossa sinagoga, com certo brilhantismo devido aos esforços do digno Rabbi Jacob Shebabo

**Aliança de Abraham**—Foram recebidos na Aliança de Abraham os seguintes criptos-Judeus:

Em 22 de Abril, José Caetano Rafael, de 14 anos de idade, natural de Belmonte, Talmid da Ieshibah (Instituto Teologico Israelita); recebeu o nome de Joseph.

Em 17 de maio Joaquim de Brito Abrantes, de 19 anos de idade, natural do Fundão, Talmid da Ieshibah (Instituto Teologico Israelita); recebeu o nome de Moshé.

Em 25 de Maio, Francisco de Braz Rodrigues, de 18 snos de idade, natural de Argozelo, Talmid da Ieshibah (Instituto Teologico Israelita); recebeu o nome de Samuel.

Em 18 de Maio, Fernando Furriel, estudante, de 16 anos, natural do Porto, recebeu o nome de Abraham.

Demonstrou as suas aptidões como bom Mohel o Rabbi Jacob Shababo.

## Donativos

### Para a Obra da Sinagoga

Luiz de Sousa, de Penamacor . . .	100\$00
Sidereski, de Paris . . . . .	88\$00
Comendador, G. Pardo Roques, de Pisa (Italia) L. 10. . . . .	1.080\$00
Edwin Edwards. de Loudes 50 L.	5.400\$00

### Para a Comunidade

D. Furriel, do Porto—uma maquina de escrever.

## Aniversario da pedra fundamental

No dia 22 de Siva os Talmidim da Comunidade Israelita do Porto, organisaram uma festa comemorativa ao segundo aniversario do lançamento da primeira pedra do edificio da Sinagoga.

A's 21 horas começou-se a Arbith sendo oficiante o reverendo Rabbi Jacob Shababo. Após a Arbith o talmid Moysés de Brito Abrantes de Fundão pronunciou um des-

curso aos seguintes termos, e que foi muito aplaudido:

Minhas senhoras e meus senhores:

Ha factos, ha epochas, ha datas, que jamais devem ser esquecidas; ha homens, ha nomes, ha mestres que tambem devem ser lembrados com muito carinho, muita estima e muita admiração.

Recordar tudo e todos os que teem trabalhado para o progresso da nossa religião, unindo os velhos judeus ou seus descendentes, pregando a sua libertação e difundindo os seus preceitos, é um dever de todos aqueles que tem amor á velha religião de seus avós, a quem nem a ameaça, nem a tortura, nem a morte souberam pagar a sua crença sincera e pura.

No tempo dos monarchicos em que os vassallos eram meramente coisas ao dispor do seu rei; no tempo em que os homens eram deixados de pais a filhos como se fossem elementos dum rebanho ou moveis duma casa; no tempo em que os que deviam ser nobres desciam á baixeza de ser esbirros, e o povo, desgraçado, pobre e ignorante, era apenas lenha das fogueiras ou montes de podidrao dentro dos cárceres; nesse tempo... fomos nós os judeus os mais mal-aventurados. Não nos deixavam cultivar terrenos, viviamos separados em bairros, e sujeitavam-nos a ser miseros; e quando alguma epidemia arrasava eram os judeus as vitimas expiatórias que tinham de ser torturadas, expoliadas e queimadas para aplacar as fúrias desse deus Moloch que tem assento em Roma; quando algum fenómeno natural se dava, a ignorancia do povo chamava-lhe milagre, e se alguem mais ilustrado tentava destruir essa superstição, eram ainda os judeus os infelizes que tinham de suportar as bravezias do povo fanático e a ferocidade dos canibais consurados.

Pobre povo! Miseravel tempo.

Que nos restava então? Fugir ou esconder. Os que podiam recolhiam-se ao primeiro navio que passava, agachando-se no porão com receio de que fôsem ainda aí os familiares tigrinos da Inquisição, sofrendo o folego, reprimindo as lagrimas e suportando as dôres, até que esse berço hospitaleiro balouçasse longe da terra das fogueiras, dos potros e das polés, e pudessem na coberta respir ávidamente o oxigênio da liberdade, chorar a saudade da terra em que tinham nascido, mitigar as dôres das amarguras bem sentidas.

Olhavam o ceu, e lá, muito longe, nos paramos do infinito ecoavam os seus cânticos a Adonai por lhes ter dado esse refugio em meio de tantos sofrimentos. E imploravam do bom Deus de Israel a misericordia para o mesmo povo que tanto os tinha feito sofrer e até para os algozes dos seus pais e sem irmãos.

E os que não puderam fugir? Esses correram como animais acossados pelas feras a esconder-se nos montes onde as intempérias do tempo, as inclemências das tempestades e os horrores da fome, eram mais benignos e mais humanos do que os corações dos inquisidores e dos seus esbirros e familiares. Dormiam mais tranqüilos nas cavernas do lobo e do lince do que nas caras onde a toda a hora o sobressalto os acordava temendo o bater da aldrava ou o mandato de captura.

Mas felizmente esses tempos vão longe e nós

hoje podemos cantar Hossanah a Adonai dentro do nosso templo, dentro da nossa Sinagoga.

Faz hoje precisamente um ano que a primeira pedra, a pedra basilar, aqui foi colocada para sobre ella se erguer o monumento que vedes.

Foi a dedicação, foi o esforço, foi a tenacidade dum só homem que tudo isto fez. Não descansava, não esmorecia, não tergiversava; seguia a sua rota uma esteira de luz, pois o guiava um bom timoneiro —era o seu amor ao bom Deus de Israel.

Este foi de terra em terra, de povo em povo, de casa em casa procurar os seus irmãos; êle pediu a todos para que o ajudassem na sua tarefa; êle criou o Instituto Israelita, êle estudou e ensinou; êle fez uns cânticos, êle fez o nosso hino de redenção, êle imprimiu livros, e por fim pôde ver realizado parte do seu sonho de sempre. E' preciso que todos o ajudem na sua obra. Está começada, convem acaba-la.

Esse homem a quem nós os judeus tanto devemos está ali. A Deus o nosso Hossanah, ao Snr. Capitão Barros Basto o nosso sincero preito de gratidão.

Minhas senhoras e meus senhores!

No tempo de Salomão, sobre a porta sublime estavam gravadas estas palavras:

E', Foi e Será.

Escrevamo-las nós tambem na Sinagoga do nosso coração, e interpretemo-las assim:

E', Foi e Será Deus a quem devemos sempre amar e venerar.

E' Foi e Será o Snr. Capitão Barros Basto a quem devemos o nosso Templo, a nossa União, a nossa plena liberdade.

Que as bênçãos de Deus o envolvam e a toda a sua Ex.<sup>ma</sup> Família.

Disse.

Recitaram a Judia os talmidim Yomtov Rodrigues de Belmonte e Eliezer de Sousa Chicha de Penamacôr. Uma aria para tenor por Levi Rafael Henriques de Belmonte. Vou recitar por Johanan Santos de Bragança A chorar por Jonathan Lopes. Balada da Neve por Samuel Braz Rodrigues. Foram todos muito applaudidos. Findo os recitativos subiu á tribuna o Ex.<sup>mo</sup> Snr. Capitão Barros Basto que com palavras bem frizantes recordou o dia de ontem com amargura e comoção bem sentida: A Inquisição, a Espulsão. E o dia de hoje pelo renascimento, constante: A Libertação e o Reaparecimento. Por fim pediu a todos os presentes a que guiassem os amedrontados, (tementes ao tempo primitivo) á Mekor H'aim. Ao fim os talmidim entoaram o Hino Nacional Hebraico que a numerosa assistencia ouviu de pé em sinal de respeito e veneração.

Entre a assistencia notavam-se varias familias judias-maranas, que neste dia iam ali pela primeira vez.

## DATAS MEMORAVEIS

31 de Março

21 de Abril

Proibição aos cristãos-novos de deixar Portugal, 1499.—No mesmo dia, mas 13 anos mais tarde (21 d'Abril 1521) prorrogou-se a aplicação, por um período suplementar de 16 anos, duma decisão remontrando a um período anterior (30 de Março de 1497), dizendo que durante 20 anos nenhuma investigação podia ser feita relativamente á condutor desta classe da população. Estas duas regulamentações combinadas nos ajudam a compreender toda a força do criptojudaísmo em Portugal, onde ele estava muito mais profundamente enraizado que em Espanha. Começaram por obrigar os judeus a batisar-se em massa, sem lhes deixar escolher entre a conversão e o martírio. Proibiram-lhes enseguida de deixarem o reino, com receio de que eles voltassem á fé de seus pais. O que não impediu que durante muito tempo, nenhum inquerito foi feito sobre a sua conduta, de maneira que eles puderam conservar as suas crenças e o seu modo de viver tradicional com uma impenidade de facto. Quando a Inquisição portuguesa foi finalmente estabelecida, em 1540, o Maranismo tinha chegado a incrustar-se tão firmemente no paiz—que se tinha tornado impossivel extirpa-lo e daí resulta que os sobreviventes—testemunhas patéticas dum passado de quatro seculos de subterfugios—regressem, nos nossos dias, ao judaísmo.

10 de Maio

O grande auto de fé de Lisboa em 1682.—Nas solenidades que se realisaram neste dia e nos três seguintes, não figuram menos que 117 pessoas, dos quais 90 judaisantes. Deste numero 4 foram entregues ao *braço secular* para serem excentados. Um, que declarou arrepende-se recebeu a graça de ser estrangulado previamente; os três outros foram queimados vivos e foram chorados em Amsterdam como martires. Entre os condenados que obrigavam algurar havia uma velhinha de 97 anos! Entre as outras vitimas, varias foram deportadas para o Brazil.

E dito da expulsão dos judeus de Espanha em 1492.—O judeus estavam estabelecidos na península ha 15 seculos, pelo menos, muito tempo antes da invasão dos visigodos, e tinham desempenhado um papel importante na vida nacional, não só sob a dominação arabe, mas tambem depois da reconquista cristã. A sua situação só foi ameaçada no fim do seculo XIV. Os massacres realisados nesta epoca deram origem á nova classe dos Maranos—assim se chamavam os judeus que tinham sido forçados ao batismo, mas que continuavam a praticar em segredo a religião dos seus antepassados. Foi para conseguir a supressão dos Maranos que a Inquisição foi estabelecida em 1481. Mas o metodo era dum extremo ilogismo.

Um *converso*, cristão só de nome, podia ser queimado vivo por ter observado em segredo a decima parte só do que os seus irmãos que tendo ficado fieis, observavam sem receio em publico. Era duma impossibilidade evidente que se pudesse extirpar do paiz a heresia judaisante, então que os proprios judeus continuavam, por preccito e por exemplo, a ensinar aos cristãos novos as praticas da sua antiga religião.

Foi então que tendo sido conquistada granada (graças, em parte, ao largo concurso dado pelos judeus) desapareceram os ultimos vestigios da potencia mossulmana em Espanha. Já não era necessario, como foi durante os cinco seculos precedentes, procurar conciliar-se com a minoria judaica para a impedir de favorecer o inimigo. Tornou-se possivel aplicar a solução mais radical. No dia 31 de Março, Fernando e Isabel publicavam um decreto expulsando todos os judeus de todos os seus dominios no prazo de quatro meses. A medida applicava-se aos judeus das possessões d'alem-mar da corôa d'Aragão, Sicilia e Sardenha, apesar de ali o problema do cripto-judaísmo ser praticamente desconhecido.

---

Visado pela Comissão  
de Censura

## Dos 4 cantos da terra

**Egipto**—O Rabbi-mór de Alexandria, Rev.<sup>o</sup> David Prato, foi promovido pelo rei de Italia a Comendador da Ordem da Corôa.

**Estados Unidos** - A Comunidade Israelita Liberal de Washington celebrou o seu 75.<sup>o</sup> aniversario da sua fundação com um officio solene na Sinagoga. Entre os assistentes, notaram-se os altos dignitários das Igrejas catolicas e protestantes. O Presidente Hoover enviou tambem uma mensagem de felicitações.

**Cuba** - Em 1930 insigraram para Cuba 1374 hebreus, sendo 560 homens, 328 mulheres e 172 creanças vindas da Polonia; os outros imigrantes eram da Romania e Zituania.

**Estados Unidos**—A população judaica dos Estados Unidos da America aumentou de um quarto de milhão a quatro milhões e meio nestes ultimos cincoenta anos. Na cidade de New York ha cerca de 1.250.000 judeus, e que é cerca de 8 vezes a quantidade que ha na Palestina.

**Inglaterra**—O filho de Lord Melchett prestou juramento na Camara dos Lords, onde succedeu a seu pai.

**Egipto**—O Rabbi-mor de Alexandria, Rev.<sup>o</sup> David Prato, foi promovido pelo rei de Italia Comendador da Ordem da Corôa.

• • •

## Terra de Israel

O departamento d' agricultura do Governo publicou uma brochura consagrada á cultura de morangos na Palestina, onde informa que 45 dumans (45.000 metros quadrados) foram semeados de morangos dos quais 90 % pertencem a judeus.

—Tendo havido uma proposta judaica para que se estabelecesse uma colonização nas terras da Transjórdia para os arabes palestina-nos, vista favoravelmente pelo rei daquele paiz Um jornal arabe da Palestina protesta contra essa ideia que diz vir ajudar as interesses judaicos.

## Elementos para a Historia dos Judeus Portuguezes de Hamburgo

por ALFONSO CASSUTO

(Continuação)

Este reconhecimento official, porem, não veio a dar-se senão entre 1698-12, até então não sabiam os Burgueses claramente a que religião pertenciam aqueles estrangeiros. Quando, porém, se reconheceu que não se tratava de um numero de estrangeiros não ligados entre si, mas sim de uma verdadeira comunidade, surgiu a questão de como se havia de agir para com eles; se se havia de firmar com eles um contrato anual, como se procedia com os habitantes holandeses e com os comerciantes ingleses ou se se deveria expulsa-los completamente da cidade. Os Burgueses intolerantes teriam preferido adoptar esta última medida, mas o Senado, mais perspicaz, reconheceu a utilidade que estes poucos portuguezes trariam para a cidade, utilidade que iria aumentando pois que de 1604-07 já eles tinham contribuido para o erario publico com 10.000 marcos de impostos extraordinários além dos impostos ordinários, que todo o habitante da cidade tinha de pagar.

Os primeiros contratos propostos ao Senado, pelos judeus, indicam-nos que já não se tratava dos primeiros foragidos de Portugal, visto que aqueles já eram, em parte, filhos dos emigrados de 1577, mas sim que se tratava de uma comunidade perfeitamente organizada; poderíamos melhor dizer de uma grande familia, porque todos os seus membros eram mais ou menos parentes consanguinios ou por afinidade. Nesses controtos pediam os judeus ao Senado a licença official para o estabelecimento das suas instituições comunais as quais segundo todas as probabilidades já existiriam secretamente desde muito, mas de que os Burgueses não se tinha apercebido. Depois de prolongada luta obtiveram os portuguezes, por fim, 1612 a realização de um contrato, e pelo «rol dos judeus» realizado neste ano vê-se que eles apenas contavam 125 pessoas.

Continua.